

# Problemas de Historiografia Helenística

**Breno Battistin Sebastiani,  
Fernando Rodrigues Jr.,  
Bárbara da Costa e Silva (coords.)**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

# POLÍBIO E A ETNICIDADE<sup>1</sup>

## (Polybius and Ethnicity)

ERICH S. GRUEN

University of California, Berkeley

(gruene@berkeley.edu; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7526-6749>)

RESUMO: Há muito é sabido que Políbio nutria opiniões fortes em relação a estrangeiros de fora do mundo greco-romano. Ele não poupou comentários negativos a respeito de *xenoi*, *barbaroi*, estrangeiros e o “outro”. Mas será que sua avaliação sobre tais forasteiros representa um juízo sobre a etnicidade deles? Existe algum elemento racial nessas atitudes? Seria a inferioridade do “outro” herdada ou inescapável? Este texto examina em detalhe o uso feito por Políbio do que parecem ser termos com implicações étnicas tais quais *genos* e *ethnos*, mostrando que eles exibem um espectro amplo e diverso de significados e só muito raramente conotam caracteres étnicos ou nacionais. O ensaio explora as observações de Políbio a respeito de “bárbaros” em geral e de povos específicos como egípcios, gauleses e cartagineses. Os comentários sobre tais nações são, de fato, duros e negativos, censurando seu comportamento, costumes e atitudes, mas em cada caso Políbio também escreve algumas palavras de admiração, sem perder tempo com aniquilações sumárias de caracteres. Mais importante, quando ele notava um problema, não o atribuía a uma natureza inata ou a traços herdados. Implicitamente ele negava que esses povos fossem cativos de uma etnicidade cerrada que ditasse sua natureza e conduta.

PALAVRAS-CHAVE: bárbaros, estereótipos étnicos, *ethnos*, *genos*

ABSTRACT: It has long been known that Polybius had strong feelings about foreigners outside the world of the Greeks and the Romans. He did not spare negative comments about *xenoi*, *barbaroi*, the aliens, the “other.” But did his estimate of these outsiders represent a judgment on their ethnicity? Is there a racial element in the expressed attitudes? Was the inferiority of the “other” inherited and inescapable? This paper examines in detail Polybius’ usage of what seem to be ethnically laden terms like *genos* and *ethnos*, showing that they exhibit a wide and diverse range of meanings and only very rarely connote ethnic or national character. The essay explores Polybius’ remarks about “barbarians” in general, and about individual peoples like Egyptians, Gauls, and Carthaginians. The comments about such nations are indeed often harsh and negative, castigating their behavior, customs, and actions. But in each case Polybius also has some admiring words, and did not engage in sheer character assassination. And, more importantly, when he did find fault, he did not ascribe it to inborn nature or inherited traits. He implicitly denied that these peoples were trapped in a locked ethnicity that dictated their nature and conduct.

KEYWORDS: barbarians, ethnic stereotypes, *ethnos*, *genos*

---

<sup>1</sup> Tradução de Bárbara da Costa e Silva.

Políbio não escondia suas preferências. Ele pouco se continha. O historiador era firme em suas convicções sobre indivíduos, grupos ou nações. Sua admiração por homens como Arato, Filopêmen e Cipião Emiliano, era patente, bem como seu desprezo, por inúmeras razões, por homens como Timeu, Calícrates e Prússias II. A galeria de heróis e de vilões era extensa. Ele também tinha opiniões bem marcadas sobre povos. Seus aqueus prevalecem entre aqueles avaliados positivamente, como os romanos, pelo menos em grande parte da sua obra, enquanto os etólios, cretenses e alexandrinos não são tão bem vistos. As opiniões de Políbio são comumente claras e inequívocas.

Espera-se igual clareza na avaliação do historiador do “outro”, das nações e das culturas que estavam fora do universo dos gregos e dos romanos, cujas características, comportamentos e costumes mantinham-nos longe das civilizações das quais Políbio fazia parte e nas quais ele se sentia confortável. Como ele louvou os *xenoi*, os *barbaroi*, os estranhos, os adversários daqueles com os quais ele se identificava? Esse tema nunca foi sistematicamente investigado. É fácil, claro, citar uma variedade de comentários hostis e de censura, mas um problema mais fundamental deve ser discutido. A avaliação de Políbio do “outro” representa um julgamento sobre etnicidade? Há um elemento racial nas atitudes expressas? A inferioridade do “outro” é herdada e inescapável?

### “BÁRBAROS”

Políbio não tinha apreço por “bárbaros”. Ele compartilhava de um sentimento helênico de superioridade sobre aqueles que não falavam grego e que não se beneficiavam da história, da cultura e das tradições gregas. Quão profunda era sua antipatia? Políbio considerava os bárbaros como inferiores, um caso de distinção racial que os submetia a um desdenho irremediável?

O termo *barbaros* ou formas derivadas ocorrem com alguma regularidade na obra historiográfica de Políbio. Normalmente eles têm um tom pejorativo. O historiador – e os gregos, em geral – dificilmente os reconheceria como uma designação desejável. No entanto, isso não acarreta que a fraseologia expressasse um preconceito profundo e nem que o “bárbaro” possuísse falhas de caráter oriundas de deficiências étnicas inatas.

Uma análise mais atenta das passagens nas quais Políbio emprega a palavra ou seus cognatos revela uma impressão diferente.<sup>2</sup> A vasta maioria das ocorrências, mais de 70%, não traz consigo nenhuma implicação condenatória. A designação aparece como uma etiqueta para marcar pouco mais que algo não grego. Em algumas passagens, o significado é explícito: há gregos e bárbaros e,

---

<sup>2</sup> Cf. a coleção de testemunhos reunida em Champion 2004: 245-253, com discussão reunida em 241-244. Veja também Eckstein 1995:119-125.

entre eles, todo o resto.<sup>3</sup> Qualquer língua, a não ser a grega, será bárbara. O intelectual romano A. Postúmio compôs uma história em grego, desculpando-se em seu prefácio pelos “barbarismos” que pudesse ter cometido inadvertidamente – um ponto sobre o qual Políbio faz piada.<sup>4</sup> Em outras passagens, a etiqueta é usada para nações ou tribos específicas. Na narrativa de Políbio, os mamertinos, mercenários que tomaram a cidade de Messana, e seus compatriotas que ocupavam o Régio, pavimentando o caminho para a Primeira Guerra Púnica, são designados em diversas ocasiões como *barbaroi*. Eles, com certeza, eram uma trupe desagradável, mas o termo em si é neutro, equivalente no contexto a simplesmente “mercenário”.<sup>5</sup> Políbio usa o termo frequentemente para se referir aos gauleses, sejam os aliados ou os adversários de Aníbal, sejam os que ameaçam a Itália pelos Alpes ou sejam aqueles que migraram da Anatólia e se bateram contra comunidades gregas e principados.<sup>6</sup> Porém, trata-se de um modo de identificação e não de uma descrição de traços de personalidade.<sup>7</sup>

*Barbaros* possui a mesma conotação para uma série de povos que aparecem na obra de Políbio: persas<sup>8</sup>, habitantes da Anatólia<sup>9</sup>, tribos hispânicas<sup>10</sup>, tribos que viviam ao redor da Macedônia<sup>11</sup>, trácios e gálatas em torno do Pôntico<sup>12</sup>, povos perto do Monte Zagro<sup>13</sup>, tribos nas satrapias que resistiam a Antíoco III<sup>14</sup>, os na Média e na Hircânia<sup>15</sup>, os nas cercanias da Elimaida<sup>16</sup>, tribos italianas<sup>17</sup>, mercenários cartagineses<sup>18</sup>. Referências a bárbaros aparecem também no contexto de grandes áreas geográficas, especialmente as muito distantes, nas periferias do mundo conhecido.<sup>19</sup> Em todas essas passagens, que contém a maioria das ocorrências do termo “bárbaro”, Políbio não elabora juízos sobre atributos étnicos. Os povos que são assim descritos, via de regra, não vivem em cidades ou em assentamentos, são bélicos e destemidos, e podem se comportar de modo

<sup>3</sup> Plb. 5. 33. 5-6, 8. 9. 6; cf. 8. 19. 9.

<sup>4</sup> Plb. 39. 1. 7-8.

<sup>5</sup> Plb. 1. 9. 3-4, 1. 9. 7-8, 1. 11. 7, 3. 43. 1-2.

<sup>6</sup> Plb. 2. 35. 6, 3. 42. 4, 3. 43. 12, 3. 43. 5, 3. 43. 9, 3. 43. 10, 3. 43. 12, 3. 49. 2, 3. 50. 2, 3. 50. 5, 3. 50. 9, 3. 51. 1, 3. 51. 3, 3. 52. 3, 3. 52. 7, 3. 53. 2-3, 3. 53. 4, 3. 53. 6, 3. 60. 10, 5. 111. 7, 9. 30. 3, 9. 35. 1, 9. 35. 3, 10. 37. 5.

<sup>7</sup> Plb. 2. 15. 8: Ταυρίσκοι καὶ Ἀγῶνες καὶ πλείω γένη βαρβάρων ἕτερα.

<sup>8</sup> Plb. 9.34.2-3, 9.39.4-5, 38.2.4.

<sup>9</sup> Plb. 3. 6. 10-11.

<sup>10</sup> Plb. 3. 14. 6, 3. 14. 8, 11. 32. 5, 35. 5. 1.

<sup>11</sup> Plb. 4. 29. 1-2, 7. 11. 5, 9. 35. 2-4, 23. 8. 3-4, 23. 10. 5; cf. frag. 168B-W.

<sup>12</sup> Plb. 4. 38. 7, 4. 38. 10, 4. 45. 7-8.

<sup>13</sup> Plb. 5. 44. 7.

<sup>14</sup> Plb. 5. 55. 1, 5. 55. 4.

<sup>15</sup> Plb. 10. 27. 3-4, 10. 29. 3-4, 10. 30. 2-3, 10. 30. 7, 10. 30. 9, 10. 31. 2-3, 10. 31. 11-13, 10. 48. 8.

<sup>16</sup> Plb. 31. 9. 2.

<sup>17</sup> Plb. 2. 39. 7, 10. 1. 2-3, 33. 8. 3, 34. 10. 13-14.

<sup>18</sup> Plb. 15. 1. 4-5.

<sup>19</sup> Plb. 3. 37. 11, 3. 58. 8, 23. 13. 2.

violento e cruel, mas Políbio não vincula esses comportamentos a tendências naturais determinadas por descendência. Às vezes, ele até demonstra admiração pela audácia e pela coragem dos bárbaros.<sup>20</sup>

Romanos se enquadram na categoria de “bárbaros”? As atitudes de Políbio perante os romanos são complexas e mutáveis, uma mistura problemática de admiração e de decepção. Esse não é o momento de discutir essa questão espinhosa.<sup>21</sup> Os romanos recebem a etiqueta “bárbaro” em poucos e muito bem selecionados momentos. As circunstâncias desses momentos merecem uma reflexão. Neles, quem fala não é o próprio Políbio. Ele dá voz, em um discurso memorável, ao líder etólio Agelau em Naupacto em 217 a.C., que urge Filipe V da Macedônia e os gregos a colocar um fim em suas rixas, para que a Hélade toda não seja vítima da “nuvem do oeste”. Agelau impeliu seus compatriotas a abandonarem suas diferenças e unirem-se para conter a invasão dos “bárbaros”, salvando, assim, a si mesmos e a suas cidades.<sup>22</sup> O etólio fez referência à guerra entre Roma e Cartago, prevendo que quem fosse vitorioso nesse embate voltaria sua atenção ao leste e para ali estenderia seu poder.<sup>23</sup> O medo de cair sob a dominação de qualquer um dos *barbaroi* motivou a intervenção de Agelau. Ele não especifica nenhuma barbaridade, apenas mostra preocupação acerca da subordinação a um poder não grego.<sup>24</sup>

O ponto torna-se mais claro em um discurso subsequente de um porta-voz acarnânio feito alguns anos mais adiante na narrativa de Políbio. O porta-voz denuncia a Etólia por sua aliança com Roma - uma união com bárbaros ao invés de homens da sua própria estirpe, uma parceria que visa somente a escravidão.<sup>25</sup> Em seguida, um terceiro discurso, feito por um ródio em 207 a.C., reitera a acusação, classificando os romanos mais uma vez como bárbaros e alertando com relação à escravização da Hélade, e contrasta de modo explícito o comportamento grego ao dos conquistadores romanos, que submeteriam suas vítimas à violência e ao ultraje gratuito.<sup>26</sup>

A censura é dura. Mas é do próprio Políbio? Evitaremos aqui a questão, bastante controversa e discutida, sobre se esses discursos são autênticos ou fabricados ou se possuem um núcleo central genuíno muito manipulado.<sup>27</sup> De

---

<sup>20</sup> Plb. 3. 43. 8, 33. 10. 6.

<sup>21</sup> Cf. o tratamento extensivo dado por Champion 2004, em especial 47-57; 105-122; 193-203, com bibliografia. Cf. também Erskine 2000: 165-182.

<sup>22</sup> Plb. 5. 104. 1: δύναιτο τὰς τῶν βαρβάρων ἐφόδους ἀποτριβόμενοι συσφῆζειν σφᾶς αὐτοὺς καὶ τὰς Πόλεις.

<sup>23</sup> Plb. 5. 104. 3. A metáfora da nuvem em 5. 104. 10.

<sup>24</sup> Plb. 10. 25. 1-5.

<sup>25</sup> Plb. 9. 37. 4-10, esp. 5-6, 9. 38. 5.

<sup>26</sup> Plb. 11. 5. 2, 11. 5. 6-7.

<sup>27</sup> Ver, e.g., Pedech 1964: 259-276; 295-302; Lehmann 1967: 135-149; Morkholm 1967: 240-253; idem 1974: 127-132; Deininger 1971: 23-37; idem 1974: 103-108; Champion 1997: 111-128; idem 2000: 425-444; Baronowski 2011: 149-151.

qualquer modo, o que possuímos são composições de Políbio. Quão fiéis aos originais são esses discursos ainda é uma questão de conjectura. Assim como qualquer historiador que se preze, Políbio colocaria a mais persuasiva retórica e os mais apropriados argumentos para os propósitos de quem fala na boca de quem os fala. Representar os romanos como estrangeiros que buscam subjugar a Hélade e aterrorizar seus povos seria adequado dadas as circunstâncias. Não é possível inferir nada legítimo a partir desses textos acerca das próprias atitudes de Políbio.

Mais expressivo é o fato de Políbio jamais chamar os romanos de “bárbaros” em sua própria voz. Ele diz que Hierão de Siracusa aliou-se aos cartagineses para expulsar os “bárbaros” que ocupavam a Messina da Sicília. Isso, porém, refere-se evidentemente aos mamertinos e não aos romanos. Mesmo que se refira aos dois, Políbio atribui esse modo de pensar a Hierão e não se responsabiliza por nada.<sup>28</sup> Há uma ambiguidade similar quando Políbio se refere à prática de sacrificar um cavalo antes da batalha, a qual ele atribui a “quase todos os bárbaros”.<sup>29</sup> Não é claro se os romanos estão inclusos. A outra única referência a romanos como bárbaros está em um discurso de mensageiro a Filipe V – novamente não na voz do historiador.<sup>30</sup> Isso não é uma coincidência. *Barbaros* talvez signifique pouco mais que “não grego” na grande maioria dos contextos. Porém, não se trata de uma denominação laudatória e pode até mesmo expressar um velado desprezo. Políbio, seja de modo sincero ou prudente, evita aplicá-la aos romanos.

Resta um problema mais fundamental: Políbio atribui ao “bárbaro” qualidades ou características que estão conectadas ao seu próprio eu e que definem sua identidade? Uma série de passagens, ao menos superficialmente, parecem justificar essa conclusão. Políbio, que não era nenhum entusiasta dos bárbaros, compartilhava do gosto helênico de desdenhar do não grego. Quão profundo é esse ponto? Isso constituiu um *bias* contra o “outro”? As passagens em questão merecem um olhar mais atento. Como sempre, o contexto tem um papel vital.

O comentário mais genérico aparece associado aos eventos subsequentes à Primeira Guerra Púnica. O embate brutal entre cartagineses e suas rebeldes tropas de mercenários impulsionam uma afirmação radical de Políbio: as circunstâncias nos ensinam quais são e quão longe vão as diferenças entre aqueles com práticas bárbaras e confusas e aqueles criados com educação, leis e costumes civilizados.<sup>31</sup> O alcance e o escopo dessa afirmação, no entanto, podem não ser tão abrangentes quanto parecem. Ela foi provocada pela guerra incomumente feroz

<sup>28</sup> Plb. 1. 11. 7.

<sup>29</sup> Plb. 12. 4b. 2

<sup>30</sup> Plb. 18. 22. 8.

<sup>31</sup> Plb. 1. 65. 7: τί διαφέρει καὶ κατὰ πόσον ἦθη σύμμικτα καὶ βάρβαρα τῶν ἐν παιδείαις καὶ νόμοις καὶ πολιτικοῖς ἔθεσιν ἐκτεθραμμένων.

e sem tréguas e está associada a soldados mercenários que, com certeza, tinham “práticas bárbaras e confusas”, tendo em vistas as vidas instáveis e a ausência de uma lealdade sólida. Isso não se estende a todos os *barbaroi*.

Pouquíssimos comentários de Políbio podem sugerir falhas que tipificam bárbaros em geral. Ele critica severamente os epirotas por contratarem mercenários gauleses para protegerem a cidade principal e por, depois, serem traídos. Políbio diz que nenhum povo deve confiar sua fortuna a tropas mais fortes do que eles mesmos, especialmente se tais tropas consistem de bárbaros.<sup>32</sup> Trata-se de um golpe indireto contra a falta de confiabilidade dos gauleses, para a qual Políbio chama atenção algumas vezes. Porém, esse é o único exemplo no qual ele aparentemente estende o significado do termo; até mesmo aqui, *barbaroi* pode se referir simplesmente aos gauleses. Uma afirmação mais problemática aparece na narrativa acerca de um líder espanhol que vacilava entre apoiar Roma ou Cartago e que, no fim, se decidiu por trair Cartago ao entregar prisioneiros aos romanos, que, pareciam, na visão do espanhol, o lado com mais chances de vitória. Políbio descreve a decisão como baseada em “um pensamento hispânico e bárbaro”.<sup>33</sup> O significado aqui não é o de que um “pensamento bárbaro” leva à traição, mas sim que o ibérico baseou seus cálculos em questões pragmáticas, não morais. Essa forma de tomar uma decisão dificilmente seria confinada somente a bárbaros.

Crueldade na guerra também é algo que caracteriza os “bárbaros”. No contexto dos embates entre trácios e bizantinos, Políbio pergunta “o que seria mais amedrontador do que guerrear com vizinhos que são também bárbaros?” Isso significaria algum tipo especial de modo de guerrear bárbaro? Provavelmente não. Políbio elabora mais sobre esse tema ao destacar a devastação de lavouras por bárbaros.<sup>34</sup> Tal comportamento não estava limitado somente a não gregos. Quando Políbio descreve a batalha entre a cavalaria romana e a dos ibéricos e celtas como “verdadeiramente bárbara”, ele fala sobre descer do cavalo e lutar corpo-a-corpo.<sup>35</sup> A referência é sobre a tática, não sobre o caráter. Políbio nota a selvageria dos bárbaros, mas fala aqui especificamente das tribos na rota contemplada por Aníbal entre a Espanha e a Itália, não sobre uma característica universal.<sup>36</sup>

Políbio raramente tece comentários que podem ser aplicados de modo mais abrangente ao caráter ou à conduta “bárbaros”. No entanto, esses comentários não nos levam muito longe. O governante da Bactria, segundo a narrativa de Políbio, procurou dissuadir Antíoco III de invadir suas terras argumentando que isso traria hordas de nômades desejosos apenas de “barbarizar” (*ekbarbarothesesthai*)

<sup>32</sup> Plb. 2. 7. 12: ἄλλως τε καὶ βαρβάρων.

<sup>33</sup> Plb. 3. 98. 3-4: συλλογισμὸν Ἰβηρικὸν καὶ βαρβαρικόν.

<sup>34</sup> Plb. 4. 45. 5-8.

<sup>35</sup> Plb. 3. 115. 2-3.

<sup>36</sup> Plb. 9. 24. 4-5.

a região.<sup>37</sup> O que o verbo significa não é claro. Essa palavra não reaparece no texto de Políbio. O historiador, em outro momento, faz uma observação interessante. Ao registrar a chegada de enviados de tribos hispânicas em Roma para uma audiência com o *praetor urbanus*, Políbio nota que, embora fossem bárbaros, eles fizeram discursos longos e que descreveram a causa de seus conterrâneos com muitos detalhes.<sup>38</sup> Apesar das primeiras impressões, esse comentário não é sarcástico. Os enviados propuseram-se uma tarefa difícil e a executaram em uma língua que não era a deles.

Uma última passagem pode ser interpretada como um retrato de características negativas atribuídas a bárbaros em geral. Políbio, em sua dura crítica aos líderes aqueus que levaram seu país à guerra com Roma, afirma que não seria fácil encontrar tamanha estupidez entre os *barbaroi*.<sup>39</sup> Na avaliação do historiador, os bárbaros parecem ser um parâmetro de referência para a máxima estupidez. Tal retrato, no entanto, está longe de ser recorrente em Políbio e não se pode citá-lo como exemplar. Apenas os aqueus por quem ele nutria o maior desprezo conseguiram levá-lo a tamanho indignação.<sup>40</sup>

Em resumo, o uso frequente do termo *bárbaros* em Políbio não deve ser interpretado erroneamente. A grande maioria dos casos é inofensiva, sem implicações condenatórias, apenas designações neutras de não gregos. Os romanos, com quem Políbio conviveu, escapam dessa nomenclatura. Afirmações de Políbio que sugerem características inerentes ao termo são marcadamente escassas, têm uma pertinência limitada e não são abrangentes. Ao designar povos como bárbaros, o historiador não era impulsionado por considerações étnicas.

## GAULESES

Além da ampla conotação que “bárbaro” possuía, Políbio tinha muito a dizer sobre povos estrangeiros específicos inimigos sejam dos gregos sejam dos romanos ou sejam de ambos. Os comentários, como é esperado, são normalmente negativos. Será que eles possuíam uma dimensão racial que excluía tais povos da sociedade greco-romana? Os gauleses e os celtas são um caso valioso. Ambos têm papéis significativos no texto de Políbio. Enquanto temíveis inimigos tantos de gregos quanto de romanos em momentos críticos, eles certamente chamaram a atenção do historiador. Os gauleses investiram

<sup>37</sup> Plb. 11. 34. 5-6.

<sup>38</sup> Plb. 35. 2. 6: οἱ δὲ καίπερ ὄντες βάρβαροι.

<sup>39</sup> Plb. 38. 18. 7-8: τοιαύτης δὲ τῆς ἀνοίας καὶ τῆς ἀκρισίας συμβαινούσης περὶ πάντας οἶαν οὐδ' ἂν ἐν βαρβάρους εὐροι τις ῥαδίως.

<sup>40</sup> Uma outra figura por quem Plb. alimenta desprezo é Prúsias II da Bitínia. Ele descreve os hábitos luxuriosos como “o estilo de vida bárbaro de Sardanápalos”; 36.15.5-6. Pouco pode se dizer sobre esse comentário pejorativo. Os “bárbaros” sobre os quais fala Plb. em sua obra dificilmente poderiam manter um estilo de vida extravagante.



contra Delfos em 279 a.C. com a intenção de destruir o templo sagrado e foram repelidos por uma coalisão de cidades gregas liderada pelos etólios (e pelo deus Apolo, segundo a tradição, que provocou raios, uma tempestade de neve e um desmoronamento para afastar os invasores).<sup>41</sup> O evento aterrorizou o mundo grego. Um evento igualmente traumático aconteceu nos períodos primordiais da história romana e reverberou nos séculos seguintes. Os celtas desceram da Planície do Pó até Roma em 390 a.C., afugentaram o exército romano e saquearam a cidade; uma catástrofe marcada na memória romana.<sup>42</sup> Esse foi apenas o começo. Após serem afugentados de Delfos, os gauleses migraram para a Anatólia, onde rapidamente adquiriram a fama de destemidos guerreiros e inimigos da civilização helênica. Essa imagem foi diligentemente adotada pelos atálidas de Pérgamo, que se representavam como os vencedores do helenismo através de monumentos e inscrições, uma imagem enaltecida pela representação dos celtas como bárbaros inclinados à destruição.<sup>43</sup> Os romanos estiveram em repetidas batalhas contra povos gauleses no norte da Itália entre meados do século IV a.C. até o século II a.C.<sup>44</sup> Isso aconteceu durante o período em que Políbio viveu. Quando o historiador aqueu se propôs a escrever, as hostilidades estavam frescas na memória e outras ainda estavam por vir. Não é surpreendente que Políbio difame os gauleses. Ele tinha uma razão para realçar a animosidade e as derrotas, seja para encorajar seus leitores romanos, seja para tranquilizá-los. Os celtas tinham fama de ser gananciosos e não confiáveis, uma reputação explorada pelo historiador.<sup>45</sup> Em sua apresentação, os celtas não hesitaram em seu apropriar da propriedade de seus vizinhos e/ou aliados.<sup>46</sup> A avareza se tornou sua marca.<sup>47</sup> Eles eram beberrões.<sup>48</sup> Políbio mais de uma vez os condena por ἀθεσία: eles eram erráticos e não confiáveis.<sup>49</sup> Eles tendiam também ao impulso e suas ações eram governadas mais pelo fervor do que pelo raciocínio.<sup>50</sup> Políbio faz referência à arrogância, à violência e à falta de legislação desses povos.<sup>51</sup> No campo de batalha, eles partiam para o ataque avidamente, mas não conseguiam sustentar tal posição de vantagem.<sup>52</sup> Políbio martela as qualidades pouco atraentes do comportamento celta.

---

<sup>41</sup> Veja, esp. Paus. 1. 4. 4, 22. 12-23. 14; Justino, 24. 6. 6-8. 15

<sup>42</sup> O testemunho mais completo está em Liv. 5. 33-44.

<sup>43</sup> Cf. Schalles 1985; Gruen 2000: 17-31, com referências. Plb., 18. 41. 7, ressalta a exploração de Átalo I de sua vitória contra os gauleses como forma de engrandecer sua imagem.

<sup>44</sup> Veja Dyson 1985: 17-86.

<sup>45</sup> Sobre a reputação gaulesa, cf. Williams 2001: 18-69.

<sup>46</sup> Plb. 2. 7. 5-6, 2. 19. 3-4.

<sup>47</sup> Plb. 2. 17. 3-4, 2. 22. 2-3, 3. 78. 5.

<sup>48</sup> Plb. 2. 19. 4.

<sup>49</sup> Plb. 2. 32. 8, 3. 49. 2, 3. 70. 4, 3. 78. 2.

<sup>50</sup> Plb. 2. 21. 2, 2. 35. 3.

<sup>51</sup> Plb. 3. 3. 5, 18. 37. 9, 21. 41. 2-3.

<sup>52</sup> Plb. 2. 33. 2-3, 2. 35. 6; cf. 3. 43. 12.

Vale ressaltar que quase todos os comentários aparecem relacionados à guerra. Os gauleses frequentemente aparecem como inimigos de Roma e como temíveis adversários no campo de batalha. O foco nos aspectos negativos não é uma surpresa. Políbio, porém, não se entrega somente ao menosprezo. Ele ressalta as qualidades que fazem dos gauleses adversários à altura dos romanos. Eles tinham uma altura impressionante e uma aparência atraente.<sup>53</sup> Alguns até mesmo tinham a fama de serem corajosos.<sup>54</sup> Na batalha, eles exibiam uma audácia que poderia causar terror em seus adversários.<sup>55</sup> Os gauleses que migraram para a Anatólia adquiriram a fama de serem o povo mais bélico da Ásia.<sup>56</sup> Políbio elogia a organização da formação militar deles.<sup>57</sup> É reveladora a narrativa de Políbio acerca da renovação das hostilidades entre gauleses e romanos em 232 a.C., após um longo hiato. Ele atribui a origem do conflito à agressividade dos romanos. A expansão e a expropriação de terras pelos romanos no Piceno resultaram na expulsão dos senones; os boios, com razão, temiam serem os próximos. Os boios, por sua vez, iniciaram a guerra sendo motivados por razões compreensíveis: eles estavam convencidos de que a ação romana era presságio não de um mero conflito por supremacia, mas sim da implementação de um genocídio.<sup>58</sup> A inimizade dos gauleses para com Roma estava longe de ser irracional.<sup>59</sup> Políbio claramente não representa os gauleses como meros selvagens desvairados. Eles lutaram por suas terras contra um poder maior que estava determinado a erradicá-los.

O quadro é mais complexo e flexível do que tradicionalmente se entende. Os gauleses possuíam qualidades tanto admiráveis quanto condenatórias, o que Políbio não esconde ou omite. Isso, porém, vai além de um ato de equilibrar traços dignos e indignos. Políbio evita reduzir os celtas à uma imagem engessada e estereotipada, a um povo cujo caráter e comportamento derivam de deficiências genéticas. Várias tribos que habitavam o Vale do Pó e as cercanias, de acordo com o historiador, levavam vidas simples, morando em vilarejos, com posses mínimas, sem conhecimento de questões intelectuais ou artísticas e absortos na agricultura e na guerra.<sup>60</sup> Essa descrição, embora pouco elogiosa, não tem tons pejorativos.<sup>61</sup> Os gauleses tinham recursos limitados e necessidades limitadas. As circunstâncias da geografia e da história determinam o estilo de vida, não o caráter inato. Ao falar sobre a tendência dos gauleses para a bebedeira excessiva, seguida da tomada das propriedades dos vizinhos e das querelas internas

---

<sup>53</sup> Plb. 2. 15. 7.

<sup>54</sup> Plb. 2. 15. 7, 3. 34. 2, 5. 111. 2.

<sup>55</sup> Plb. 2. 18. 1-2, 2. 35. 2.

<sup>56</sup> Plb. 18. 41. 7.

<sup>57</sup> Plb. 2. 29. 5.

<sup>58</sup> Plb. 2. 21. 7-9.

<sup>59</sup> Plb. 3. 34. 2, 3. 78. 5.

<sup>60</sup> Plb. 2. 17. 9-12.

<sup>61</sup> Veja Gruen 2011: 142-143. *Contra*: Williams 2001: 79-88.

acerca dos espólios, Políbio atribui isso ao comportamento costumeiro e não à deficiência étnica.<sup>62</sup> A referência à paixão gaulesa, *thymos*, não constitui uma marca étnica. Os romanos também poderiam ceder a ela.<sup>63</sup>

Será que Políbio sugere que as características gaulesas têm uma base genética inata? A suposta ganancia dos gauleses, longe de ser um traço inerente, aparece em Políbio como um rumor: *pheme*.<sup>64</sup> O historiador faz referência a *Galatike athesia* (“instabilidade gaulesa”), que, superficialmente, poderia ser interpretada como uma característica nacional.<sup>65</sup> O contexto, contudo, sugere algo muito diferente. Políbio refere-se à não confiabilidade dos aliados gauleses alistados pelos romanos contra outros gauleses; uma preocupação compreensível, não uma alusão a uma tendência inata.<sup>66</sup> De modo similar, em outros momentos, Políbio, ao chamar atenção para a ἀθεσία dos celtas e para a provável falta de credibilidade deles, tem em mente um contexto específico: os mercenários gauleses a serviço de Cartago, cuja lealdade não poderia ser assegurada se eles fossem forçados a suportar um período longo de inatividade e ócio.<sup>67</sup> Paradoxalmente, Políbio também representa Aníbal suspeitando da fidelidade dos gauleses em seu exército por conta da resistência gaulesa ao trabalho, sem notar inconsistência alguma.<sup>68</sup> Os gauleses estão resistentes à ação ou impacientes por ela? Seja como for, as passagens falam sobre mercenários gauleses contratados por terceiros. As circunstâncias especiais do serviço de mercenário, nas quais a confiabilidade é um problema, não se traduzem em reflexões sobre caráter nacional.<sup>69</sup>

O historiador aqueu evita representar os celtas como um povo de disposição inalterável e de natureza determinada pela herança genética. Uma passagem em particular é reveladora. Políbio reporta que, depois das guerras do início do séc. III a.C., os gauleses mantiveram a paz por quarenta e cinco anos – toda uma geração assombrada pelos reflexos da guerra que preferiu manter-se à distância. Tudo mudou quando veio uma nova geração inexperiente nos perigos e nas calamidades da guerra. Os jovens, temperamentais e ávidos, começaram a dismantelar os acordos, causando conflitos com os romanos antes de brigarem entre si e se engajaram em uma luta interna que, eventualmente, levou ao engrandecimento romano.<sup>70</sup> A narrativa de Políbio aqui nega a ideia de uma militância gaulesa inflexível e voltada ao conflito perpétuo, seja pelo

<sup>62</sup> Plb. 2. 19. 3-4: τοῦτο δὲ σύνηθές.

<sup>63</sup> Plb. 2. 19. 10. Para o *thymos* gaulês, ver Plb. 2. 21. 2, 2. 35. 2-3.

<sup>64</sup> Plb. 2. 7. 5-6.

<sup>65</sup> Plb. 2. 32. 8.

<sup>66</sup> Plb. 2. 32. 1-10.

<sup>67</sup> Plb. 3. 70. 4; cf. 3. 78. 2.

<sup>68</sup> Plb. 3. 79. 4-7.

<sup>69</sup> Acerca dos comentários de Plb. sobre os mercenários, ver Sckstein 1995:125-129.

<sup>70</sup> Plb. 2. 21. 1-9.

lucro material ou por um impulso imprudente.<sup>71</sup> Uma mudança nas gerações é a responsável pela quebra da duradoura paz. Os gauleses não estão encerrados em uma etnicidade estática.

### CARTAGINESES

Políbio tinha boas razões para se engajar com os fenícios ou com seus descendentes diretos, os cartagineses. Sua narrativa da expansão imperial romana cobre três dos maiores embates com Cartago, o mais proeminente antagonista dos romanos: as Guerras Púnicas. Um veredito pouco favorável ao poder fenício, que quase interrompeu a ainda iniciante expansão romana, seria esperado. No entanto, Políbio não apresenta uma visão simples ou uma posição parcial. Os fenícios sempre tiveram uma reputação mista entre os autores gregos. Eles foram admirados como mercadores, navegantes e colonizadores e isso poderia levá-los a serem considerados gananciosos, astuciosos e desonestos.<sup>72</sup> Políbio não estava imune aos estereótipos negativos. Ele afirma que os cartagineses não se envergonhavam do lucro.<sup>73</sup> Ele também reporta inúmeros atos de injustiça cometidos pelos cartagineses.<sup>74</sup>

Políbio, no entanto, pouco se engaja em destruir o caráter púnico. Nota-se que ele, por exemplo, não traz nenhum eco da hostilidade que mais tarde emergiria dentre os autores romanos, a suposta *Punica fides* (“perfidia cartaginesa”). Ao contrário, ao narrar as acusações mútuas de violação de tratados, que anteciparam a Segunda Guerra Púnica, entre romanos e cartagineses, o historiador é mais do que imparcial. Ele coloca na boca de Aníbal a ousada afirmação de que os cartagineses não ignorariam as quebras de acordos feitas pelos romanos, pois não é a prática dos cartagineses negligenciar aqueles que eram vítimas de injustiça<sup>75</sup>. Políbio, em sua própria voz, se pronuncia com relação aos verdadeiros perpetradores da guerra: a causa mais significativa do conflito, diz ele, é a tomada da Sardenha pelos romanos e o conseqüente tributo ali imposto injustamente. Resumidamente: Cartago tinha o direito de declarar guerra, enquanto a perfídia era característica do lado oposto.<sup>76</sup> A narrativa de Políbio pressupõe que os cartagineses, longe de receberem o epíteto de violadores de tratados, não confiáveis e ardilosos por natureza, justificaram sua posição em termos de respeito aos acordos, uma questão de orgulho e de caráter nacionais. Na boca de

<sup>71</sup> A frase em 2. 21. 3 ὁ φύσιν ἔχει γίνεσθαι indica uma mudança natural que vem com a renovação da geração e não diz nada sobre a natureza gaulesa.

<sup>72</sup> Cf. D.S. 5. 35. 4; Ps. Arist. *De Mirabilibus Auscultationibus* 135; veja Capomacchia 1991: 267- 29 269; Mazza 1988: 548-567; outras referências em Gruen 2011: 116-122.

<sup>73</sup> Plb. 6. 56. 1; cf. 9. 11. 2, 9. 25. 4.

<sup>74</sup> Plb. 10. 37. 8-10.

<sup>75</sup> Plb. 3. 15. 5-7: οὐ οὐ περιόψεσθαι παρεσπονδημένους. πάτριον γὰρ εἶναι Καρχηδονίοις τὸ μηδένα τῶν ἀδικουμένων περιορᾶν.

<sup>76</sup> Plb. 3. 10. 3-5, 3. 15. 10, 3. 30. 4. Cf. Gruen 2011: 123-125.

Aníbal, claramente, trata-se de uma composição retórica, algo que um orador falaria. O fato de Políbio atribuir tal posição a Aníbal, o mais poderoso inimigo romano, é muito significativo. Para Políbio, os cartagineses não operavam pelo estereótipo étnico da falta de credibilidade.

Será que Políbio atribui aos fenícios/cartagineses características que derivam de um caráter nacional? Duas passagens podem justificar essa pergunta. O historiador, ao descrever os métodos de autoproteção de Aníbal contra possíveis assassinos entre seus aliados gálicos, nota que o general possuía uma série de perucas, as quais ele utilizava intercaladamente para esconder sua identidade. Políbio descreve esse esquema como um “estratagema fenício” (Φοινικικῶ στρατηγήματι).<sup>77</sup> Isso indica uma inclinação natural dos fenícios ao ardil?<sup>78</sup> Não necessariamente. Políbio não julga negativamente essa manobra; trata-se somente de um esquema inteligente para frustrar possíveis assassinos. Tendo em vista o êxito do artifício, é possível até mesmo interpretá-lo positivamente. No máximo, alude-se à astúcia dos fenícios, uma noção ligada aos mercadores, aos navegantes e aos colonizadores e não a uma nação específica.<sup>79</sup> A segunda passagem constitui a única clara referência a qualidades que seriam inatas aos fenícios; aí, nota-se a censura do historiador. Ao comentar a tendência dos fenícios de lutar entre si, o historiador faz referência ao desejo inerente pelo poder.<sup>80</sup> Certamente, essas são características que não são exclusivas dos fenícios.

Evidentemente, Políbio está transmitindo antigas impressões que os helênicos tinham sobre qualidades duvidosas dos fenícios. Porém, tais impressões não dominam a análise que ele faz dos cartagineses.<sup>81</sup> O historiador aqueu, de fato, partindo de Aristóteles, admira a constituição cartaginesa. Como é conhecido, o livro VI das *Histórias* centra-se na discussão da estrutura constitucional de Roma, a qual, na visão do historiador, é superior a qualquer outra. No entanto, ele reconhece que o sistema cartaginês oferece uma medida de comparação; as instituições desse sistema também oferecem uma mescla de elementos aristocráticos, monárquicos e democráticos, uma organização

---

<sup>77</sup> Plb. 3. 78. 1. Cf. a referência em Platão a uma “nobre mentira” como “algo fenício”; *Rep.* 3. 414 b-c. Posidônio alega que as histórias sobre um oráculo e sobre as expedições de Tiro às Colunas de Hércules são “mentira fenícia”; *Str.* 3. 5. 5. Isso não precisa necessariamente indicar uma expressão proverbial sobre a falsidade dos fenícios e pode ser apenas uma indicação da fonte dessa desinformação.

<sup>78</sup> É interpretado assim por Walbank 1957: 412 e Franko 1994: 158.

<sup>79</sup> Cf. *Hom. Od.* 13. 271, 15. 415.

<sup>80</sup> Plb. 9. 11. 1-2: πρὸς αὐτοὺς ἐστασίαζον, αἰεὶ παρτατριβόμενοι διὰ τὴν ἔμφυτον Φοίνιξι πλεονεξίαν καὶ φιλαρχίαν. Outras referências à ganância, não necessariamente inata, estão em Plb. 6. 56. 1, 9. 25. 4.

<sup>81</sup> Plb. descreve a Guerra travada entre os cartagineses e seus soldados mercenários no norte da África após a derrota na Primeira Guerra Púnica como uma que excedeu todos os outros conflitos em crueldade e violação da lei, 1. 88.5-6. Os cartagineses não são descritos como vilões. A feracidade deveu-se às ações dos mercenários, Plb. 1. 80-81, 1. 86.

admirável e bem-pensada.<sup>82</sup> Aos olhos de Políbio, Roma está no topo, pois o auge de Cartago já havia passado, enquanto Roma rumava para seu auge.<sup>83</sup> De toda forma, Cartago representava um critério através do qual o sucesso de Roma era medido.

Quando apropriado, Políbio admirava as qualidades dos cartagineses. Após a derrota de Cartago em Drepana, que pôs fim à Primeira Guerra Púnica, o historiador louva o caráter da nação. Apesar da derrota anunciada, reporta ele, os cartagineses, em sua determinação e amor pela honra, estavam dispostos a lutar, rendendo-se apenas à força do cálculo racional.<sup>84</sup> Políbio evita rotular a nação com clichés sobre deficiências intrínsecas.

## EGÍPCIOS

Os egípcios, ao contrário, parecem não ter nenhum atenuante. Políbio foi profundamente afetado pelos assassinatos em Alexandria que seguiram a morte de Ptolomeu IV em 204 e que levaram ao poder ministros reais, ocasionando manifestações contra os que estavam no poder. O historiador relata cenas vívidas de esfaqueamentos, mutilações, torturas, de extração de olhos e, até mesmo, de mordidas violentas dadas por implacáveis multidões. Para o historiador, esses são sinais da crueldade gerada pela ira daqueles que viviam no Egito.<sup>85</sup> Políbio visitou pessoalmente Alexandria em algum momento após 145 a.C. e sua impressão do lugar foi negativa. Ele diferencia três diferentes grupos na cidade: os egípcios nativos, os mercenários e o *genos* dos alexandrinos. Com relação aos povos indígenas em particular, ele os classifica como voláteis e resistentes ao controle civil.<sup>86</sup> Outros comentários também levam a uma avaliação negativa. Ao elogiar o general ptolomaico no Chipre, Políbio nota que ele não era de modo algum similar a um egípcio, mas sim sensível e competente.<sup>87</sup> Em seu laudatório obituário de Ptolomeu VI Filométor, Políbio comenta que, quando tudo ia bem, Ptolomeu relaxava-se um pouco e apresentava uma certa tendência egípcia à preguiça e ao deboche.<sup>88</sup>

<sup>82</sup> Plb. 6. 43. 1, 6. 47. 9, 6. 51. 1-2. Aristóteles sobre Cartago: *Pol.* 1272b, 1273a-b.

<sup>83</sup> Plb. 6. 51-52, 6. 56. 1-5.

<sup>84</sup> Plb. 1. 62. 1: ταῖς μὲν ὀρμαῖς καὶ ταῖς φιλοτιμίαις ἀκμὴν ἔτοιμοι πολεμεῖν ἦσαν, τοῖς δὲ λογισμοῖς ἐξηπόρουν. Plb. elogia muito a sagacidade e a prudência do general cartaginês Amílcar, que utilizou todos os recursos possíveis para manter sua nação sã e salva, porém se rendeu a um tratado de paz quando a situação estava perdida. 1. 62. 3-7.

<sup>85</sup> Plb. 15. 33. 10: δεινὴ γὰρ τις ἢ περὶ τοῦς θυμοὺς ὠμότης γίνεται τῶν κατὰ τὴν Αἴγυπτον ἀνθρώπων.

<sup>86</sup> Plb. 34. 14. 2: τὸ τε Αἰγύπτιον καὶ ἐπιχώριον φύλον, ὄξυ καὶ [οὐ] πολιτικόν.

<sup>87</sup> Plb. 27. 13. 1: οὐδαμῶς Αἰγυπτιακὸς γέγονεν, ἀλλὰ νουνεχὴς καὶ πρακτικὸς

<sup>88</sup> Plb. 29. 7. 7: καὶ τις οἶον ἀσωτία καὶ ῥαθυμία περὶ αὐτὸν Αἰγυπτιακὴ συνέβαινε. O rei espartano exilado Cleomenes, após um período em Alexandria, expressou desânimo com relação às circunstâncias no Egito: Plb. 5. 35. 10. Ele, porém, focou no rei e na situação do

Podemos, então, inferir que os egípcios de Políbio eram por natureza cruéis, raivosos, voláteis, incontrolláveis, preguiçosos e dissolutos? Essas características não são coerentes umas com as outras e poderíamos nos perguntar se elas realmente representam comentários espontâneos, baseados em certos eventos, circunstâncias ou indivíduos, e não juízos profundos sobre o caráter dos egípcios. Um quadro diferente aparece em outro passo de Políbio, no qual se fala sobre as consequências da batalha de Ráfia em 217, travada entre forças ptolomaicas e Antíoco III. Ptolomeu recrutou e armou um número grande de egípcios para essa batalha, a qual foi vencida por ele. Como consequência, o triunfo encorajou os nativos egípcios, que, orgulhosos do feito, não mais estavam dispostos a obedecer um governante. Logo depois, eles buscaram um novo líder e sentiram-se no direito de cuidarem de si próprios.<sup>89</sup> Isso, com certeza, não estaria em consonância com a imagem dos egípcios como libertinos e indolentes.

O retrato de Políbio dos três grupos que ele identificou em Alexandria merece uma maior atenção. Ele difere os egípcios nativos, os mercenários e os alexandrinos. Segundo a interpretação corrente, o historiador não tece comentários elogiosos a nenhum dos três grupos e exhibe asco da situação da cidade. Ele considerava os mercenários opressivos e ignorantes e os alexandrinos, embora não atentos à sociedade cívica, um pouco melhores que os mercenários, pois, ainda que fossem uma sociedade mista, eram gregos em origem e mantinham costumes comuns a todos os gregos.<sup>90</sup> Os egípcios, por sua vez, ele descreve como ὄξυ καὶ πολιτικόν. Tais palavras são polêmicas. À primeira vista, elas parecem positivas: “aguçados e envolvidos com o espaço cívico”. Contudo os acadêmicos não acreditam que Políbio possa ter sido elogioso para com os egípcios, especialmente quando os outros dois grupos são tratados com desdém. Por isso, πολιτικόν é corrigido para ἀπολιτικόν ou para οὐ πολιτικόν e os epítetos traduzidos como “voláteis e resistentes ao controle cívico”.<sup>91</sup> Porém, um contraste entre os egípcios e os outros não é impossível e o texto deve ser mantido tal qual o original, a não ser por razões que exijam mudança. A argúcia dos egípcios reaparece no relato acerca da oposição ao regime em 204. Tal oposição poderia contar como um sinal de pensamento cívico, uma vez que Políbio certamente via o regime como ilegítimo e odioso. Essa problemática fica sem resolução, mas a passagem não pode ser usada para comprovar uma deficiência étnica dos egípcios aos olhos de Políbio.

A voracidade e a barbaridade em Alexandria em 204 constituem uma acusação mais séria, especialmente se são creditadas à natureza dos egípcios. Mas será que são? Políbio atribui a ira e a crueldade aos “homens que habitam

---

reino, não nos egípcios.

<sup>89</sup> Plb. 5. 107. 1-3.

<sup>90</sup> Plb. 34. 14. 1-8.

<sup>91</sup> Plb. 34. 14. 2. Ver Fraser 1972: 145, nota 184; Walbank 1979: 629; idem 2002: 60.

o Egito”.<sup>92</sup> Os eventos aconteceram em Alexandria, uma cidade de população variada, que consistia de gregos, judeus, mercenários de muitas nações, além dos egípcios. Quem são os perpetradores da selvageria? O relato de Políbio não é específico. A liderança em Alexandria contra o grupo que detinha o poder após a morte de Ptolomeu IV era de soldados macedônios, não de soldados egípcios.<sup>93</sup> A eles se juntaram guarnições das partes altas do Egito, i.e. gregos e macedônios.<sup>94</sup> A hostilidade contra aquelas no poder foi expressa pelo “povo”, pela “população”, pelos “muitos”<sup>95</sup>, que consistiam de homens de muitas nacionalidades, soldados e civis.<sup>96</sup> Não há razões para confinar tal hostilidade aos egípcios e para acreditar que Políbio os culpabiliza somente e primariamente.<sup>97</sup> As críticas de Políbio aos egípcios estão à parte de deficiências étnicas.

## ETHNOS

Políbio, ao classificar os povos, pensou em termos raciais ou étnicos? Será que esses povos eram identificados como grupos de descendentes, definidos em termos de parentesco? A terminologia pode nos oferecer uma pista - e, de fato, ela é reveladora - mas talvez não com o resultado esperado. Políbio frequentemente emprega as palavras *ethnos* e *genos* com relação a grupos de pessoas ou coletivos. À primeira vista, isso pode sugerir conotações raciais. Contudo os contextos e os usos de tais termos merecem escrutínio. Políbio emprega *ethnos* ou *ethne* em inúmeras ocasiões, mais de cem vezes. Isso é sinal de insinuações raciais? Muito longe disso. A parte mais substancial dessas ocorrências, cerca de 40%, é política, não étnica, em caráter. *Ethnos* é a palavra mais comum para “liga”, uma entidade política coletiva, ou o que é mais comumente chamado de “estado”, em contraste a *polis*.<sup>98</sup> Políbio regularmente vale-se do termo para designar seu próprio estado nativo, o *ethnos* dos aqueus: τὸ τῶν Ἀχαιῶν ἔθνος.<sup>99</sup> De fato, ele pode simplesmente encurtar a frase para *ethnos* em contextos nos quais a referência aos aqueus é óbvia.<sup>100</sup> A palavra também é aplicada a outros coletivos, como a Liga Etólia e a Liga Beócia.<sup>101</sup> O significado é inequívoco em ambos os casos:

<sup>92</sup> Plb. 15. 33. 10: τῶν κατὰ τὴν Αἴγυπτον ἀνθρώπων

<sup>93</sup> Plb. 15. 26. 1-8.

<sup>94</sup> Plb. 15. 26. 10-11.

<sup>95</sup> Plb. 15. 27. 1, 15. 27. 3, 15. 28. 8, 15. 29. 3, 15. 30. 4, 15. 30. 9, 15. 32. 4, 15. 32. 11, 15. 33. 5.

<sup>96</sup> Plb. 15. 29. 4: πάντα τὰ γένη συμπεφωνήκει καὶ τὰ στρατιω καὶ τὰ πολιτικά. Cf. 15. 30. 4.

<sup>97</sup> A afirmação de Fraser 1972: 82 de que “não há dúvidas que ele [Plb.] se refere aos egípcios nativos” é infundada.

<sup>98</sup> Sobre os perigos de usar “estado”, cf. Mackil 2013: 4-8.

<sup>99</sup> Plb. 2. 6. 1, 2. 12. 4, 2. 37. 7, 2. 40. 5-6, 2. 43. 7, 2. 43. 10, 4. 1. 4, 4. 17. 7, 9. 34. 6, 9. 38. 9, 16. 35. 1, 22. 3. 5, 22. 7. 1, 23. 9. 1, 23. 18. 2, 24. 1. 6, 24. 6. 1, 24. 10. 10, 24. 13. 4, 30. 13. 8.

<sup>100</sup> Plb. 2. 45. 1, 2. 45. 4, 2. 45. 6, 2. 51. 2, 4. 60. 6, 22. 7. 9, 23. 16. 6, 23. 16. 12, 23. 17. 9, 28. 13. 13, 30. 32. 3, 38. 9. 6, 38. 9. 8.

<sup>101</sup> Plb. 2. 12. 5, 9. 29. 4, 9. 38. 9, 20. 3. 1, 20. 5. 2, 21. 4. 5, 21. 33. 1, 27. 2. 10.



refere-se a uma entidade coletiva, que opera como a união de comunidades, engajada em atividades políticas, diplomáticas ou militares. Em sua descrição mais detalhada do *ethnos* dos aqueus, Políbio fala em termos de união política, estrutura constitucional, compartilhamento de leis, medidas, pessoas e sistema monetário, elegibilidade conjunta para magistraturas, cargos no conselho e unidades judiciais, todas instituições políticas.<sup>102</sup> Nada disso está relacionado à etnicidade.

*Ethnos* com frequência aparece com um significado genérico, impreciso, de nada além de “povo” ou “nação”, sem que aquilo que os une seja especificado. Políbio pode valer-se de *ethnos* para falar, por exemplo, dos numídios, dos arcádios, dos lacônicos, dos aqueus, dos massílios, dos etólios, dos acarnânios, dos beócios e, até mesmo, dos gauleses e dos judeus.<sup>103</sup> O historiador também utiliza a palavra para denotar povos normalmente entendidos como “tribos”, dentro de uma unidade nacional maior, como os ardianos e os dassaretas na Ilíria, os gauleses ínsubres, boios, senones e outros, os hispânicos ólcades, carpetanos, baleários, vaceus e outros, e tribos da Média, os estabelecidos ao longo do Mar Negro, as tribos da Macedônia e da Trácia, as da Líbia e uma variedade de povos itálicos como os brúcios, os lucânios e os samnitas.<sup>104</sup> Os habitantes além das Colunas de Hércules eram chamados apenas de “*ethne* bárbaras”.<sup>105</sup> O termo também pode ser estendido para aqueles identificados por suas cidades.<sup>106</sup> Políbio emprega o termo de modo ainda mais lato para se referir às “nações ocidentais” como um todo, de modo a distinguir *ethnos* simplesmente, sem nenhum laço étnico.<sup>107</sup> De fato, a palavra poderia, de modo ainda mais genérico, referir-se aos “mais ilustres e nobres *ethne* do mundo”.<sup>108</sup> Ela pode também conotar território, ao invés de identidade de grupo.<sup>109</sup> Políbio com frequência a emprega de modo genérico, quase formular, para se referir a uma categoria paralela a cidades, reis, lugares (*topoi*) ou alguma combinação deles, sem indicar o que determina a sua composição.<sup>110</sup> Em outros momentos,

<sup>102</sup> Plb. 2. 37. 7-10; cf. 2. 38. 5-9.

<sup>103</sup> Plb. 1. 31. 2, 2. 38. 3, 2. 41. 3, 2. 49. 6, 2. 58. 5, 4. 32. 3, 4. 76. 1, 5. 1. 1, 7. 14c, 8. 12. 7, 15. 23. 8, 16. 32. 3, 16. 39. 1, 18. 13. 8, 18. 41. 7, 21. 29. 12, 22. 4. 14, 22. 9. 4, 38. 10. 8, 38. 10. 12.

<sup>104</sup> Plb. 2. 12. 2, 2. 17. 4, 2. 17. 8, 2. 22. 1, 3. 13. 5, 3. 14. 2, 3. 33. 10-11, 3. 35. 2, 5. 44. 4, 5. 44. 8, 7. 11. 5, 8. 14b. 1, 10. 1. 2, 12. 3. 4, 13. 10. 9, 16. 40. 4, 33. 10. 12, 34. 9. 13, 34. 11. 7.

<sup>105</sup> Plb. 3. 37. 11.

<sup>106</sup> Nucерianos: Plb. 3. 91. 4.

<sup>107</sup> Plb. 1. 2. 6: τῶν προσεσπερίων ἔθνῶν; 18. 28. 2.

<sup>108</sup> Plb. 2. 37. 5.

<sup>109</sup> Plb. 3. 56. 3, 23. 13. 2.

<sup>110</sup> Esse uso é encontrado no relato de Plb. acerca do tratado entre Aníbal e Filipe V da Macedônia; 7. 9. 5-9, 7. 9. 16: χωρὶς βασιλέων καὶ πόλεων καὶ ἔθνῶν, e frequentemente em outros passos: 5. 90. 5, 9. 1. 4, 12. 25e. n5, 12. 28.a. 4, 18. 1. 4, 18. 47. 5, 21. 17. 12, 21. 25. 7, 21. 43. 24-25.

ele a emprega como equivalente a *polis*.<sup>111</sup> Os usos diversificados impossibilitam um significado particular ou consistente e – muito menos – um significado étnico.

Os momentos em que *ethnos* pode sugerir que características nacionais são associadas a determinados povos são extremamente raros. Quatro deles merecem análise. Primeiramente, o *ethnos* dos arcádios, que, segundo Políbio, possuem, entre os gregos, uma reputação ligada à virtude. Ele atribui tal reputação aos arcádios como um todo e exemplifica essa característica através da reverência dos arcádios aos deuses, de onde surgem a hospitalidade e o amor pela humanidade.<sup>112</sup> Políbio ressalta as práticas e o estilo de vida dos arcádios, não os traços inatos.

Como segundo exemplo, tomemos a passagem em que o historiador representa Filipe V expressando sua gratidão e boa disposição para com o *ethnos* dos aqueus.<sup>113</sup> Filipe, claro, tinha em mente seus propósitos políticos e militares e ele não articula as razões para sua afeição, sejam elas raciais ou de outra natureza. Políbio reitera o comentário algumas linhas adiante sem fornecer as razões para o entusiasmo crescente de Filipe com relação ao *ethnos* dos aqueus.<sup>114</sup> O contexto maior é o de conseguir vantagens por alianças em tempos de guerra. Nada sugere nenhum afeto pelo caráter aqueu.

Terceiro exemplo: uma conotação étnica emerge nos comentários de Filipe durante as negociações com o comandante romano Flaminino, enquanto o macedônio buscava descreditar as alegações dos etólios. Na visão do rei, a maioria dos etólios não é nem mesmo grega, assim como os *ethne* dos agreus, apodotas e anfilóquios.<sup>115</sup> Mas não podemos fazer muito com isso. Quais são os critérios que distinguem “a maioria dos etólios” dos demais etólios em termos de identidade grega (*greekness*)? O rei elabora retoricamente, não oferecendo nada de substancioso. O sentimento é veiculado pela boca de Filipe, não pela de Políbio.

Um último exemplo é comentado. Segundo Políbio, em suas várias representações das opiniões gregas acerca da decisão romana de destruir Cartago, um grupo alegou que o *ethnos* dos romanos, embora orgulhosos de conduzir os assuntos bélicos de modo simples e honorável, evitando fazer ataques e emboscadas noturnas, valeu-se de engodo e fraude na decisão sobre Cartago.<sup>116</sup> Novamente, pouco pode ser extraído disso. Políbio não fala em sua própria voz e a afirmação é apenas uma dentre as quatro divergentes. Não se pode deduzir que

<sup>111</sup> Os lócrios, diz ele, não possuem uma polis, mas sim dois *ethne*. Plb. 12. 10. 3. Ele não distingue tipos de estado.

<sup>112</sup> Plb. 4. 20. 1 οὐ μόνον διὰ τὴν ἐν τοῖς ἤθεσι καὶ βίοις φιλοξενίαν καὶ φιλανθρωπίαν, μάλιστα δὲ διὰ τὴν εἰς τὸ θεῖον εὐσέβειαν

<sup>113</sup> Plb. 4. 72 .6.

<sup>114</sup> Plb. 4. 73 .2.

<sup>115</sup> Plb. 18. 5. 8-9: αὐτῶν γὰρ Αἰτωλῶν οὐκ εἰσὶν Ἕλληνες οἱ πλείους.

<sup>116</sup> Plb. 36. 9. 9-10.

o historiador endossava a visão segundo a qual o caráter inato dos romanos foi aqui abandonado. Em suma, as passagens em que poderia haver a sugestão de um tom étnico são parcas e não indicam que Políbio as acolhia.

## GENOS

Se investigarmos os usos por Políbio do termo *genos*, chegaríamos às mesmas conclusões. Etnicidade não é o cerne. Metade das mais de cem aparições da palavra em Políbio significa “tipo”, “forma” ou “classe”. Por exemplo, Políbio utiliza a palavra logo no começo de sua obra ao perguntar “qual tipo de constituição” os romanos utilizaram para conquistar o mundo conhecido, uma frase que ele repete em três outras ocasiões.<sup>117</sup> O termo pode significar também “um tipo de estratégia”, “todo tipo de vinho”, “todo tipo de madeira, solo ou pedra”, “cada forma de decretos e proclamações”, “um tipo de leitor”, “outros tipos de animais”, “uma forma de acampamento”, “outro modo de andar”, “todo tipo de emboscada e ataque”, “esse tipo de fraude”, “essa forma de justificativa”, “esse tipo de assassinos, ladrões e invasores”.<sup>118</sup> Muitos outros exemplos similares podem ser encontrados no texto de Políbio.<sup>119</sup> A tarefa principal de *genos* é assinalar uma categoria.

A versatilidade da palavra, no entanto, pode revelar outros significados. Como *ethnos*, embora menos frequente, *genos* pode trazer a noção genérica de “povo” ou “nação” sem a indicação de como a identidade coletiva é definida.<sup>120</sup> Esse uso ocorre predominantemente no contexto de soldados mercenários contratados pelos cartagineses ou pelos ptolomeus, que consistem em múltiplos *gene* e alistados ou pagos *kata gene*.<sup>121</sup> A imprecisão do termo pode ser ilustrada pelo fato de Políbio usá-lo num mesmo contexto que *ethnos*, uma combinação confusa na qual a distinção entre eles – se é que há uma – é completamente obscura: “os *gene* mais bélicos dos *ethne* ocidentais da Europa”.<sup>122</sup> Diante disso, *genos* parece ser uma subdivisão de *ethnos*, mas não há mais nada nas *Histórias* que nos levem a essa conclusão. Tal junção indica sobreposição e confusão e não distinção e exatidão.

Além de designar uma nação ou um povo, *genos*, em uma grande parcela dos

<sup>117</sup> Plb. 1. 1. 5: τίνοι γένει πολιτείας; 6. 2. 3; 8. 2. 3, 39. 8. 7; cf. 6. 3. 5, 6. 4. 6, 6. 57. 2- 3.

<sup>118</sup> Plb. 4. 38. 5, 4. 41. 9, 5. 71. 9, 5. 106. 8, 6. 5. 8, 6. 27. 1, 6. 40. 10, 7. 15. 1, 9. 1. 2, 9. 1. 5, 18. 40. 2, 30. 4. 15, 39. 8. 7.

<sup>119</sup> Plb. 1. 58. 4, 2. 16. 14, 3. 18. 9, 3. 71. 4, 5. 53. 9, 5. 98. 1, 5. 98. 11, 8. 4. 3, 10. 15. 1, 10. 43. 1, 11. 1a. 2-3, 11. 1a. 5, 12. 4. 10, 12. 4d. 1, 12. 12. 7, 12. 25. 5, 12. 25a. 3, 12. 25b. 4, 12. 25c. 2, 18. 15. 13, 18. 17. 4, 18. 31. 2, 20. 9. 8, 29. 8. 3, 29. 8. 5, 31. 10. 7, 31. 18. 5.

<sup>120</sup> Como no caso dos bitínios: Plb. 36. 15. 3.

<sup>121</sup> Plb. 1. 67. 2, 1. 67. 4, 1. 69. 1, 1. 69. 3, 1. 69. 7, 1. 70. 2, 1. 80. 8, 5. 64. 1, 15. 29. 4.

<sup>122</sup> Plb. 1. 2. 6: τῆς Εὐρώπης τὰ μαχμώτατα γένη τῶν προσεσπερίων ἔθνῶν. Paton, na edição da Loeb, não traduz γένη e ἔθνῶν: “the most warlike nations of the western Europe”.

exemplos, refere-se a unidades menores, essencialmente tribais. Políbio utiliza o termo para se referir a tribos no norte da África, na Gália e na Média.<sup>123</sup>

A expressão *to genos* combinada à localização geográfica ocorre em muitas ocasiões e simplesmente significa “de nascença/ por nascimento”, como em “etólio por nascimento”, “cretense por nascimento”, “megalopolitano de nascença”, “um tarantino de nascença” ou “um acarnânio por nascimento”.<sup>124</sup> Em apenas uma ocasião esse uso vai além da denotação geográfica: Políbio faz uma única referência a “celta de nascença”.<sup>125</sup> Não se pode ir além a partir de um único exemplo.

Em alguns exemplos, Políbio usa *genos* para indicar genealogia familiar. A maioria dos exemplos se refere à linhagem real.<sup>126</sup> Outros são usados com relação a casas aristocráticas romanas.<sup>127</sup> Em um caso, o historiador fala sobre herança familiar (*genos*).<sup>128</sup> Nessas passagens, o termo certamente denota laços sanguíneos e esse uso é irrelevante para a identidade coletiva dos povos.<sup>129</sup>

A flexibilidade de *genos* é evidente a todo momento: é possível designar uma unidade militar, uma classe ou grupo político ou um segmento da população da cidade.<sup>130</sup> Em uma ocasião, o termo significa “gênero literário” e, surpreendentemente, em duas ocasiões ele aparece como “gênero” (masculino e feminino).<sup>131</sup> Políbio emprega a palavra até mesmo para designar a humanidade: τὸ τῶν ἀνθρώπων γένος.<sup>132</sup>

Alude-se à raça nos usos de *genos*? Talvez haja uma alusão muito distante quando Políbio fala sobre “um certo τὸ γένος celta” ou sobre um *genos* de homens na Cele-Síria que adequavam suas alianças políticas às circunstâncias ou os colonizadores lócrios na Itália cujas relações eram guiadas mais por seu *genos* do que por escolha própria.<sup>133</sup> Contudo essas alusões raras, breves e subdesenvolvidas não afetam o quadro maior: a diversidade do uso de *genos*, assim como *ethnos*, é o elemento mais marcado. Isso impede que o termo seja reduzido a um significado uniforme. O maior volume de ocorrências da palavra pode ser entendido como “tipo” ou “categoria” e pode, ocasionalmente, aparecer em referência a uma nação

<sup>123</sup> Plb. 1. 77. 4, 2. 15. 8, 2. 17. 5, 2. 223. 2, 4. 46. 4, 5. 4. 7.

<sup>124</sup> Plb. 5. 40. 1, 5. 58. 3, 5. 61. 4, 5. 68. 4, 8. 15. 1, 10. 22. 2, 13. 4. 4, 15. 31. 7.

<sup>125</sup> Plb. 2. 36. 1: τινος Κελτοῦ τὸ γένος.

<sup>126</sup> Plb. 1. 8. 3, 2. 41. 5, 4. 1. 5, 4. 33. 6, 4. 35. 11, 4. 35. 13, 4. 81. 1, 6. 7. 6.

<sup>127</sup> Plb. 6. 53. 2, 31. 28. 2, 39. 1. 2.

<sup>128</sup> Plb. 20. 6. 5.

<sup>129</sup> Cf. also Plb. 7. 10. 2, sobre um eminente messênio: οὐδενὸς ἦν δεῦτερος Μεσσηνίων πλούτῳ καὶ γένει.

<sup>130</sup> Unidade militar, cf. Plb. 6. 24. 1, 6. 34. 8; grupo político: 23. 12. 6; segmento da cidade: 34. 14. 2, 34. 14. 4.

<sup>131</sup> *Genre*: Plb. 15. 36. 3: τῷ τῆς ἱστορίας γένει. *Gender*: 10. 18. 6, 31. 26. 10: τοῦ τῶν γυναικῶν.

<sup>132</sup> Plb. 6. 5. 5, 6. 6. 4, 18. 15. 15-16.

<sup>133</sup> Celta: Plb. 2. 36. 1 (veja acima); Cele-Síria: 5. 86. 7-9; Lócrios: 12. 6b. 4.

ou tribo com o significado de “de nascença” ou “família” e também com uma outra série de conotações que não privilegiam um padrão único e que não devem ter um impresso sobre elas. O termo não traz consigo nenhuma bagagem racial no corpus polibiano e nem sugere que o historiador considerou genealogia como um elemento que define identidade étnica.

### **CONCLUSÃO**

Políbio talvez tenha tido pouca simpatia pelo que era estrangeiro. Ele certamente não era nenhum universalista e nenhum advogado pela abolição da diferença. O “bárbaro” estava alheio. Os adversários da Grécia e de Roma estavam fora da esfera que Políbio considerava congênita e empática. As diferenças eram sociais, morais e convencionais. O historiador evitava traçar diferenças étnicas ou raciais.

## BIBLIOGRAFIA

- Baronowski, D.W. (2011), *Polybius and Roman Imperialism*, London.
- Capomacchia, A.M.G. (1991) "L'Avidità dei Fenici", in *Atti del II Congr. Int. di Studi Fenici e Punici*, Rome, 2167-269.
- Champion, C.B. (1997) "The Nature of Authoritative Evidence in Polybius and the Speech of Agelaus at Naupactus", *TAPA* 127: 111-128.
- (200) "Romans as Barbaroi. Three Polybian Speeches and the Politics of Cultural Indeterminacy", *CP* 95: 425-444.
- (2004) *Cultural Politics in Polybius's Histories*, Berkeley.
- Deininger, J. (1971) *Der politische Widerstand gegen Rom in Griechenland, 217-86 v. Chr.*, Berlin.
- (1973) "Bemerkungen zur Historizität der Rede des Agelaus, 217 v. Chr. (Polyb. 5.104)", *Chiron* 3: 103-108.
- Dyson, S.L. (1985) *The Creation of the Roman Frontier*, Princeton.
- Eckstein, A.M. (1985) *Moral Vision in the Histories of Polybius*, Berkeley.
- Erskine, A. (2000) "Polybios and Barbarian Rome", *MedAnt* 3: 165-182.
- Franko, G. (1994) "The Use of Poenus and Carthaginiensis in Early Latin Literature", *CP* 89: 153-158.
- Fraser, P.M. (1972) *Ptolemaic Alexandria, II*, Oxford.
- Gruen, E.S. (2000) "Culture as Policy: The Attalids of Pergamon," in N.T. de Grummond e B.S. Ridgway (ed.), *From Pergamon to Sperlonga: Sculpture and Context*, Berkeley, 17-31.
- (2011) *Rethinking the Other in Antiquity*, Princeton.
- Lehmann, G.A. (1967) *Untersuchungen zur historischen Glaubwürdigkeit des Polybios*, Münster.
- Mackil, E. (2013) *Creating a Common Polity: Religion, Economy, and Politics in the Making of the Greek Koinon*, Berkeley.
- Mazza, F. (1988) "The Phoenicians as Seen by the Ancient World," in S. Moscati, *The Phoenicians*, New York, 548-567.
- Morkholm, O. (1967) "The Speech of Agelaus at Naupactus, 217 B.C.", *ClMed* 28: 240-253.
- (1974) "The Speech of Agelaus Again", *Chiron* 4: 127-132.
- Pedech, P. (1964) *La méthode historique de Polybe*, Paris.
- Schalles, H.-J. (1985) *Untersuchungen zur Kulturpolitik der pergamenischen Herrscher im dritten Jahrhundert vor Christus*, Tübingen.
- Walbank, F.W. (1957) *A Historical Commentary on Polybius I*, Oxford.

—— (1979) *A Historical Commentary on Polybius, III*, Oxford.

—— (2002) “Egypt in Polybius,” in F.W. Walbank, *Polybius, Rome, and the Hellenistic World*, Cambridge, 53-69.

Williams, J.H.C. (2001) *Beyond the Rubicon: Romans and Gauls in Republican Italy*, Oxford.